



**AS CONCEPÇÕES ARQUITETURAIS DE RUY OHTAKE PARA  
PALMAS: Estudo de cinco projetos na nova capital**

**LAS CONCEPCIONES ARQUITECTURALES DE RUY OHTAKE  
PARA PALMAS: Estudio de cinco proyectos en la nueva capital**

**RUY OHTAKE'S ARCHITECTURAL CONCEPTIONS FOR  
PALMAS: Study of five projects in the new capital city**

**GIULIANO ORSI M. CARVALHO (1); THAÍS MELZ (2)**

1. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (2016), Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins (CAU-UFT)  
109 Norte, Av. NS-15, Plano Norte, CEP: 77001-090, Palmas/TO, Brasil  
giulianoorsi@uft.edu.br  
orcid.org/0000-0003-3180-4899

2. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins (CAU-UFT)  
109 Norte, Av. NS-15, Plano Norte, CEP: 77001-090, Palmas/TO, Brasil  
melzthais@gmail.com  
orcid.org/0000-0002-4321-7766



## RESUMO

Implantada ao longo dos primeiros anos da década de 1990 em decorrência da emancipação do Estado do Tocantins (1989), Palmas mantém-se até então como a mais nova capital estadual brasileira. Em sua concepção urbanística previram-se imensas glebas retangulares destinadas às quadras residenciais que, internamente, seriam criações de renomados arquitetos nacionais, sendo Ruy Ohtake um desses expoentes. Embora tenham sido construídas nove quadras idealizadas por Ohtake, hoje em dia consolidadas, nenhuma de suas concepções arquiteturais saiu do papel: torre de TV, marina, estádio com vila olímpica, jardim botânico, autódromo, centro cultural, feiras e convenções, entre outras, são proposições praticamente desconhecidas em virtude de não haver estudos e publicações que as abordem. Assim, com a finalidade de reconhecimento e registro historiográfico da arquitetura moderna brasileira, busca-se trazer à tona os projetos idealizados pelo arquiteto nissei paulistano em Palmas, elaborados num período de inflexão de sua linguagem, na qual verificam-se tanto elementos advindos da escola paulista, quanto expressões formais que caracterizariam as obras dos anos seguintes. Para tanto, o artigo apresenta o estudo de cinco exemplares representativos dessa empreitada em terras tocantinenses, subsidiado pela análise do material gráfico-textual remanescente, disponibilizado em arquivo público municipal, que compreende programa, dimensionamento e estudos de localização do equipamento no plano urbanístico de Palmas, memória projetual e croquis.

**Palavras-chave:** Ruy Ohtake; projeto de arquitetura; escola paulista; Palmas-Tocantins.

## RESUMEN

Implantado a lo largo de los primeros años de la década de 1990 en consecuencia de la emancipación del Estado de Tocantins (1989), Palmas se mantiene hasta ahora como la más nueva capital estatal brasileña. En su concepción urbanística previanse inmensas tierras rectangulares destinadas a las cuadras residenciales que, internamente, serian criaciones de renombrados arquitectos nacionales, siendo Ruy Ohtake uno de esos exponentes. Aunque tengan sido diseñadas nueve cuadras idealizadas por Ohtake, hoy en día consolidadas, ninguna de sus concepciones arquitecturales salió del papel: la torre de TV, la marina, el estadio con villa olímpica, jardín botánico, el autódromo, centro cultural, ferias y convenciones, entre otras, son proposiciones practicamente desconocidas en virtud de no haber estudios y publicaciones que las abordan. Así, con la finalidad de reconocimiento y registro historiográfico de la arquitectura moderna brasileña, nosotros buscamos traer a la luz los proyectos idealizados por el arquitecto nissei paulistano en Palmas, formulados en un período de inflexión de su lenguaje, en la cual averiguase no solamente elementos de la escuela paulistana, pero también expresiones formales que caracterizarían las obras de los años posteriores. Entónces, el artículo presenta un ensayo de cinco ejemplares representativos de ese esfuerzo en tierras tocantinenses, subsidiado por la análisis del material gráfico-textual remanente, puesto a disposición en archivo público municipal, que comprende programa, dimensionamiento y estudios de localización del equipo en el proyecto urbanístico de Palmas, recuerdo proyectual y croquis.

**Palabras clave:** Ruy Ohtake; proyecto de arquitectura; escuela paulista; Palmas-Tocantins.

## ABSTRACT

Palmas, which was installed over the first years of the 1990's as a result of the Tocantins State emancipation (1989), keeps itself until now as the newest Brazilian capital city. In its urban concept it was predicted immense rectangular glebes which were allocated to residential squares that, internally, they were creations of reputable national architects, and Ruy Ohtake was one of them. Although there has been built nine squares by Ohtake, nowadays consolidated, none of his architecture conceptions was implemented, such as: TV tower, harbour, stadium with Olympic village, botanical garden, racing circuit, cultural center, street market and convention center, among others, they are propositions almost unknown due to studies that have never been published or discussed. This way, with the intention of recognition and historic record of Brazilian modern architecture, we intend to highlight the projects conceived by the nissei and *Paulistano* architect in Palmas, which were designed in a period of inflection of his language in which it is possible to verify not only elements derived by the *paulista* school, but also formal expressions that would pattern the future works. For this purpose, this article presents the study of five representative samples of this undertaking in Tocantins fields, subsided by analysis of the graphical-



textual remaining materials and also available into municipal public archives that embrace program, scaling and studies of location of the gadgetry in Palmas urban plan, designing memory and sketches.

**Keywords:** Ruy Ohtake; architecture project; paulista school; Palmas-Tocantins.



## Introdução

Ruy Ohtake (n.1938), arquiteto mundialmente consagrado por sua produção baseada na vertente paulista da arquitetura moderna brasileira, teve importante passagem nos idos da concepção da nova capital Palmas, nascida em 1990. Porém, pouco se sabe sobre esse episódio até então preterido pelos estudos sobre a criação da capital do Tocantins<sup>1</sup>. Nas teses e dissertações no campo da Arquitetura e Urbanismo, quase todas focadas nos aspectos urbanos da cidade, são praticamente nulas as citações a Ohtake<sup>2</sup>.

Além disso, nos estudos realizados até o momento acerca da obra do arquiteto, nota-se um enfoque maior em projetos idealizados e construídos entre as décadas de 1960 e 1980<sup>3</sup>. Restam, portanto, poucos estudos acerca de sua trajetória a partir da década de 1990, o que dificulta a ocorrência de menções a Palmas na literatura especializada, já que todos os equipamentos urbano-arquitetônicos que foram desenvolvidos para a cidade se deram durante este período<sup>4</sup>. Tais condições de escassez levam ainda a um segundo problema: a restrição das análises e estudos comparativos em termos de linguagem arquitetônica de Ruy Ohtake, já que investigações sobre o período de

---

<sup>1</sup> Os autores assim colocam, pois, até o presente momento, há somente um único artigo que vincula o nome do arquiteto Ruy Ohtake à produção arquitetônica para a cidade de Palmas. Este, apresentado em decorrência do III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, em Belém, configura o início do estudo que aqui se dá continuidade pelos autores.

<sup>2</sup> Em apenas dois estudos foram encontradas referências ao trabalho de Ohtake em Palmas: Velasques (2010, p. 75), em nota de rodapé, aponta os serviços de consultoria especializada sobre os impactos ambientais e propostas na escala regional; Coccozza (2007, p. 148), de modo sucinto, indica que o arquiteto projetou as principais quadras centrais de Palmas.

<sup>3</sup> Nos primeiros anos de sua carreira, Ruy Ohtake teve sua obra aclamada, em 1976, na coleção "Cadernos Brasileiros de Arquitetura". A publicação intitulada *Ruy Ohtake: 15 anos de atividade* evidenciou a importância da trajetória do personagem enquanto contribuição para a arquitetura brasileira do século XX. O conjunto da obra praticamente se restringia ao Estado de São Paulo, com algumas incursões ao vizinho Estado do Rio de Janeiro (KATSUMATA, 1976).

<sup>4</sup> Nas pesquisas realizadas nos bancos de dados digitais de teses e dissertações, encontram-se poucos trabalhos sobre a obra de Ruy Ohtake, o que demonstra o pouco interesse da academia em torno de sua carreira, principalmente sobre o período posterior à década de 1990. Tavares (2005), por exemplo, centra seus estudos na arquitetura residencial dos anos 1960 e 1970; Pinto (2014) estuda o Plano Diretor da cidade de Morungaba, de 1968, embora este não seja o seu principal objeto, mas sim a cidade; e Mantellatto (2012), mais abrangente, por sua vez, foi o único trabalho a abarcar, equilibradamente, a obra de Ohtake entre as décadas de 1960 e 2010.



inflexão projetual do arquiteto, ocorrido simultaneamente à criação de Palmas, poderiam clarificar sobre os motivos que o levaram a adotar um novo vocabulário a partir de então.

A dificuldade em abordar a obra de Ohtake para Palmas se deve não somente pela série de fatores já citados e aos poucos vestígios encontrados – que se resumem à desenhos preliminares arquivados em repartição municipal. Ela ocorre principalmente em torno do silêncio que reina sobre a participação do arquiteto nesse processo. O relato de Silva (2005, p. 39-40) é o único registro a esse respeito, fato que encontra respaldo no insucesso de nossas tentativas em contatar o arquiteto em seu escritório em São Paulo para falar sobre o assunto. Desse modo, a narrativa que poderia ser insumo riquíssimo para o registro e pesquisa, permanece até então oculta, mantida apenas nas memórias dos personagens envolvidos no processo de criação da nova capital.

Assim, diante desta enorme lacuna – tanto acerca das obras de um importante personagem brasileiro, cujo renome é de caráter internacional, quanto a respeito de um episódio de grande relevância para a arquitetura e o urbanismo, que é a construção de uma capital inteiramente planejada –, analisam-se os projetos selecionados não da maneira prevista, considerando-se o infortúnio em relação à ausência do depoimento do arquiteto, que seria fundamental para o conhecimento de suas ideias. Desse modo, embora nosso método de análise se inspire nos procedimentos levados a cabo por Schön (2000 [1983]), em prol de compreender o processo de concepção arquitetônica a partir da “leitura de uma realidade de primeira ordem” (realizada por meio de relatos, desenhos, papéis, fotos, observações diretas, etc.), os pesquisadores têm consciência da limitação do presente estudo, tendo em vista o escasso subsídio para tanto, principalmente pela inacessibilidade ao depoimento do arquiteto.

Salientamos que os apontamentos feitos neste trabalho derivam de uma pesquisa maior intitulada “Arquiteturas do Tocantins (1989-2000): Estudo de Projetos e Personagens



pouco evidenciados”, realizada na Universidade Federal do Tocantins, que objetiva identificar, selecionar, inventariar e analisar as realizações arquiteturais advindas de profissionais não centrais no processo de concepção da capital, mas igualmente importantes vistos em conjunto, havendo material pouco investigado e em vias de resumir-se dada a inatividade de muitos escritórios de arquitetura atuantes àquela época – não sendo este o caso de Ohtake –, tanto relacionado à materialidade projetual e arquitetônica, bem como referente à investigação dos personagens responsáveis pelos projetos da cidade que se constituía no período<sup>5</sup>.

### **Os projetos de Ohtake para Palmas enquanto exemplares de uma nova linguagem**

O planejamento da cidade e a concepção dos edifícios institucionais foram encomenda delegada ao escritório goiano GrupoQuatro, empresa que no final dos anos 1980 era liderada pelos arquitetos Luiz Fernando Cruvinel Teixeira (n. 1943) e Walfredo Antunes de Oliveira Filho (n. 1948). Uma das ideias centrais do planejamento urbano, segundo os autores, era a distribuição do parcelamento das quadras entre arquitetos brasileiros de prestígio para “evitar aquela uniformidade das quadras de Brasília” (SEGAWA, 1991, p. 106). Ruy Ohtake, com o qual os arquitetos já estavam habituados a trabalhar<sup>6</sup>, foi um destes nomes.

O plano do GrupoQuatro não se realizou plenamente e o arquiteto paulista ficou responsável pelo parcelamento de nove quadras centrais da cidade: as ARNEs 12, 13 e

---

<sup>5</sup> A pesquisa integra um projeto maior, “Arquiteturas do Tocantins (1958-2018): Estudo de Projetos e Personagens”, segmentado em três períodos cronológicos distintos, compreendidos entre fins dos anos de 1950 à atualidade. Desenvolvido no âmbito do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins (CAU-TO), é coordenado pelos professores Giuliano Orsi Marques de Carvalho, Marianna Gomes Pimentel Cardoso e Marcos Antonio dos Santos.

<sup>6</sup> Não se sabe a extensão do contato que os escritórios e respectivos arquitetos mantinham, mas, no que diz respeito à cidade de Palmas, já haviam desenvolvido em conjunto estudos acerca do impacto ambiental na nova capital (1989).



14; e as ARSEs 13, 14, 21, 22, 23 e 24<sup>7</sup>. Além das quadras propostas, houve uma série de equipamentos e um estudo de programação visual que foram pensados por Ohtake, mas, ao contrário das quadras, estes não se realizaram (MELZ, CARVALHO, CARDOSO, 2018). Espalhados por diferentes localidades e situações ao longo do Plano de Palmas, desconhecem-se os motivos pelos quais o conjunto de projetos arquitetônicos foi preterido. Entretanto, a importância desse registro ocorre em consonância com uma mudança de atitude do arquiteto ao longo de sua trajetória. No final dos anos 1980 – após o longo período de recessão econômica ocorrida naquela década, somada à experiência crescente de Ohtake em relação ao mercado – sua concepção começou a expressar maior liberdade e ousadia formal que, aliadas ao uso acentuado de cores, consolidou-se a partir dos anos 1990. Segundo Mantellatto, as “experimentações com o elemento de arquitetura ‘curva’ desprenderam-se do detalhe e do limite vertical do edifício assumindo a condição de partido arquitetônico [...]”. (MANTELLATTO, 2012, p.107).

Nesse mesmo sentido, de acordo com Segre (2007), esta mudança de linguagem em relação aos aspectos formais derivaram de uma alteração de escala, contexto histórico do período e imposições de encomendas de prédios públicos. Assim, uma arquitetura gerada pela extrusão dos volumes originalmente prismáticos, ganhou vida nas mãos do arquiteto. Para o autor, a expressão de Ohtake passou a romper com o brutalismo minimalista paulista e com o formalismo monocromático branco característico de Oscar Niemeyer. E é precisamente neste momento em que Ruy Othake é convidado para desenvolver projetos em diversas escalas no recém-criado Estado do Tocantins.

Embora não tenha sido possível obter o depoimento de Ohtake sobre suas obras no Tocantins, declarações feitas à imprensa em épocas distintas indicam os motivos que o levaram a adotar uma nova linguagem arquitetônica a partir daquele período. Ao

---

<sup>7</sup> As siglas ARNE e ARSE significam, respectivamente, “Área Residencial Nordeste” e “Área Residencial Sudeste”.



defender-se da má receptividade pela academia pós-1990, argumentou: “se eu me preocupar com a crítica, vou ficar tolhido, fazendo arquitetura de 30 anos atrás” (MENDELEZ, MOURA, SERAPIÃO, 2002). Recentemente, em depoimento ao Jornal Correio Braziliense, manteve posicionamento similar ao demonstrar ter consciência de ter sido muito criticado, explicando-se sob a justificativa de que procura “fazer o desenvolvimento da arquitetura brasileira” (MACIEL, 2018) e que busca avançar sobre o modernismo: “Não estou olhando o retrovisor da década de 1960, que foi muito importante para o Brasil. Mas, 40 anos depois, temos que ir pra frente” (Ibid.).

Os cinco projetos selecionados para este artigo expressam esta nova atitude de Ohtake perante a arquitetura que, segundo o entendimento de catedráticos seria “figuratividade estranha”<sup>8</sup> (MANTELLATTO, 2014, p. 19) ou um “desvio da tradição moderna que caracterizaria o núcleo essencial da escola paulista a que pertence”<sup>9</sup> (Ibid.). Isto é, essas novas concepções são consideradas como uma espécie de ruptura em relação à sua própria tradição, uma descontinuação daquilo que se produziu ao longo das duas primeiras décadas de sua carreira.

Por não haver entorno urbano consolidado, haja vista que Palmas ainda não existia, tampouco dificuldades topográficas em virtude da extensa superfície aplainada da futura cidade, Ohtake praticamente não encontrou restrição para conceber seus projetos, que parecem ter sido feitos para qualquer lugar, desconsiderando-se quaisquer especificidades daquele ambiente. Nesse sentido, sua inspiração em Niemeyer parece materializar-se plenamente quando observamos que esses projetos não procuram dialogar com a realidade do lugar, parecendo pousar naquele solo.

---

<sup>8</sup> Declaração de Renato Anelli, arquiteto e professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP).

<sup>9</sup> Declaração de Luiz Recamán, arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).





Todos os cinco projetos selecionados estão inseridos na categoria de trabalhos de Ohtake que se caracteriza pelo anseio em superar o cânone moderno precedente. Eles exprimem, predominantemente, a ruptura com os prismas geométricos e com as linhas paralelas enquanto definidoras do espaço, traço recorrente nas obras dos primeiros anos de atividade profissional. Percebe-se, ao contrário, peculiaridades acerca da nova estratégia de projeto que viria a caracterizar a produção das décadas posteriores, baseada em apenas uma linha que serve de apoio para a definição de formas geométricas mais rígidas.

O edifício do *Autódromo* (Fig. 1), com circuito projetado para contemplar a modalidade de Fórmula Indy, é um dos exemplos que expressa essa aspiração do arquiteto em superar as suas primeiras obras em busca de algo novo. Concebido como uma torre cilíndrica de planta elíptica – com generosos balanços repousados sobre uma base retangular –, as linhas do edifício parecem prenunciar outros projetos e conceitos que seriam desenvolvidos nos anos seguintes: enquanto a estrutura em geral é semelhante à do Mirante no Morro da Cruz, em Ilhabela (2016), o volume dos pavimentos lembra um edifício do Conjunto Residencial de Heliópolis (2012). O pavimento térreo, por sua vez, remete ao conceito de recinto que se desenvolve entre duas empenas cegas paralelas, característica costumeira nos projetos das décadas de 1960 e 1970. Desse modo, o edifício do Autódromo pode ser tido como um híbrido: é tanto um prenúncio de uma nova linguagem, bem como algo que rememora as concepções que consagraram Ohtake pela vertente paulista da arquitetura moderna brasileira.

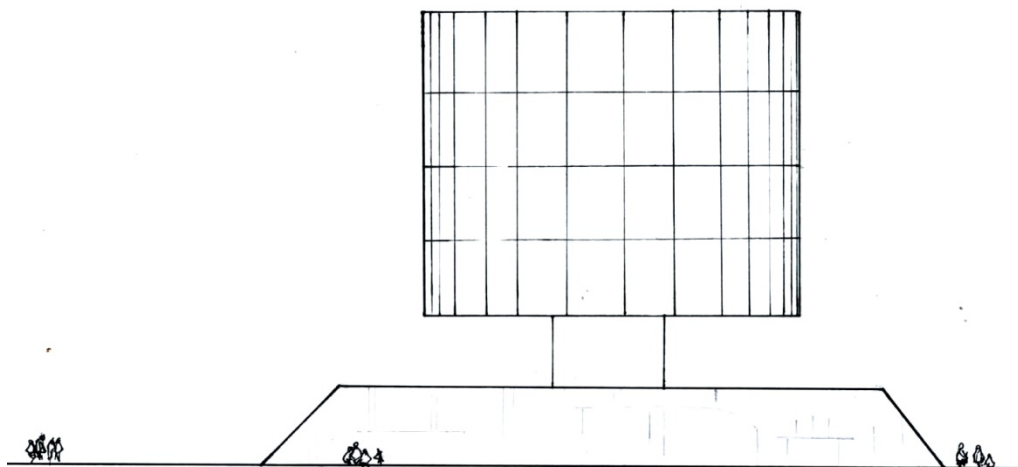


Figura 1 – Elevação principal da torre do Autódromo.

Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Aline A. Alves.

A partir de um programa extenso com biblioteca, museu de artes, teatro e praça, o projeto do *Centro Cultural* remonta à ideia de um pátio central elíptico com três módulos tangentes de planta circular (Figuras 2 e 3). A integração com o espaço externo, neste projeto, não se resume ao pátio central. Ao contrário, esta relação é conseguida com empenas curvilíneas no museu de arte e com pérgulas na biblioteca, que evocam às estratégias dos primeiros projetos de Ohtake, em que a apropriação dos recuos laterais se dava “por meio da instalação de pérgulas como elementos filtrantes da luz, gerando elementos de composição que prolongam os ambientes internos” (MANTELLATTO, 2014, p. 101). Embora identifiquem-se alguns motivos característicos dos trabalhos da primeira fase, como fluidez das formas, dispostas de modo a contrapor uma base formal principal, nota-se também que já há um sentido de busca por uma geometria não tão fluida. A reta, elemento básico dos primeiros projetos, desaparece para dar espaço a uma sucessão de curvas que ora conformam círculos, ora derivam elipses. Ao explorar o ponto de vista do usuário através de representação perspectivada, percebe-se que a confluência de curvas cria uma sensação de leveza e continuidade entre as formas (Fig. 2). Contudo, a partir de vista superior, já se percebem

os traços básicos rumo à rigidez geométrica e simetria que caracterizariam as obras pós-1990 (Fig. 3).

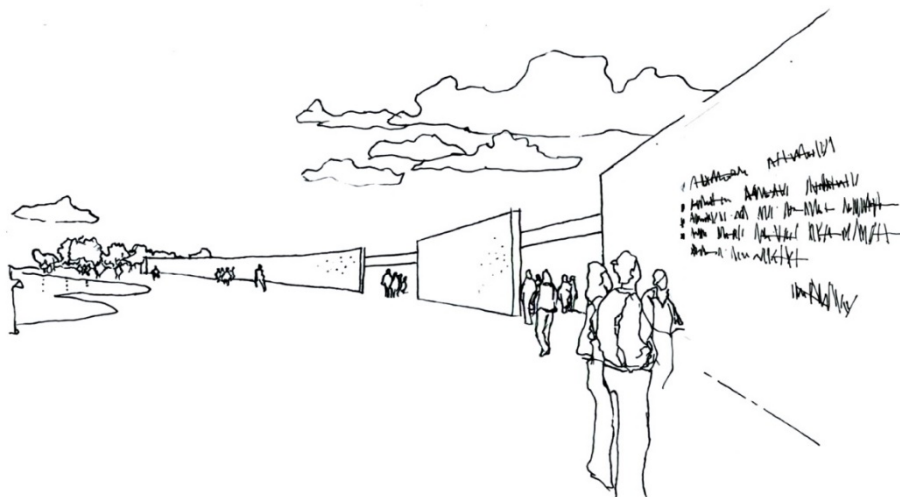


Figura 2 – Perspectiva do pátio interno do Centro Cultural.

Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Aline A. Alves.

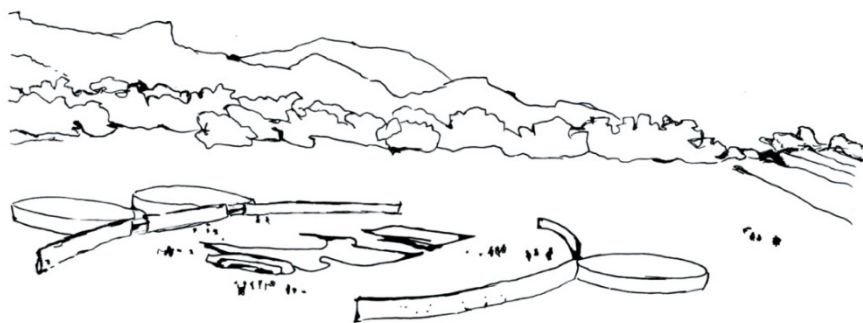


Figura 3 – Perspectiva externa do Centro Cultural.

Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Aline A. Alves.

O projeto destinado às *Feiras e Convenções* (Fig. 4) apresenta uma linguagem que parece ter sido guiada, acima de tudo, pela funcionalidade e racionalidade estrutural. A proposição busca a máxima otimização dos espaços a partir de uma rígida modulação geométrica. Não se verificam curvas, tampouco contrapontos formais, sendo a concepção conduzida por uma sucessão de geometrias quadráticas rígidas.

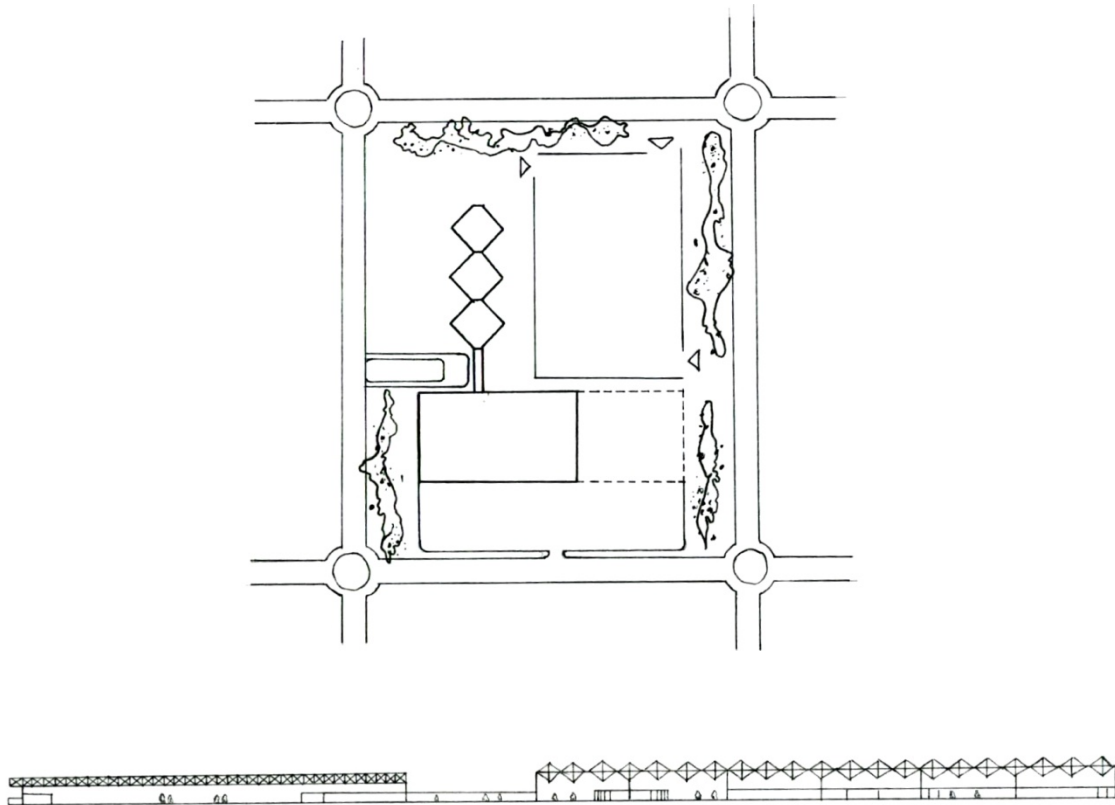


Figura 4 – Planta de situação (acima) e fachada principal (abaixo) do Centro de Convenções.  
Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Tháís Melz.

Na planta de situação do complexo identificam-se estacionamento, no canto superior direito, com acesso direto a ambas as partes do edifício. Este, por sua vez, compõe-se de um espaço de exposições (localizado na porção inferior do terreno), cujo formato retangular previa ampliações<sup>10</sup>, e o espaço de convenções, caracterizado por uma planta simétrica que deriva da repetição de um módulo de planta quadrada posicionado diagonalmente ao lote. Uma passarela coberta ligaria as duas partes do conjunto.

A *Feira Agropecuária* seria localizada junto a um futuro Parque Ecológico, devido às razões ligadas ao caráter ambiental desta edificação. Nos relatórios técnicos encontrados na Casa da Cultura de Palmas, o arquiteto utiliza-se de frases como “concentração de atividades ligadas à natureza e a produção de produtos naturais” e “as possibilidades de

<sup>10</sup> É possível observar na figura 4 as linhas tracejadas ao lado do espaço destinado às convenções, que ditam a dimensão da possibilidade de ampliação pensada pelo arquiteto.

acesso e a liberdade dos espaços que permitirão a recriação dos ambientes rurais” como justificativas para a localização do edifício junto ao Parque Ecológico.

Os desenhos apontam para a máxima racionalização dos espaços, priorizando uma circulação sintética para os ambientes do Pavilhão de Exposições (Fig. 5). A plasticidade do projeto manifesta-se através de uma cobertura singular, composta por seqüência de arcos com curvaturas e dimensões diferenciadas.

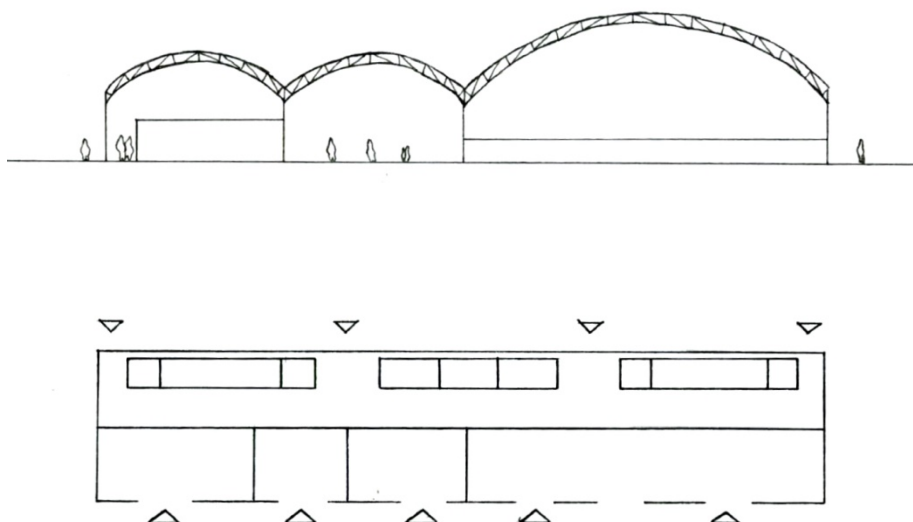


Figura 5 – Corte longitudinal (acima) e planta (abaixo) do Pavilhão de Exposições da Feira Agropecuária. Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Tháís Melz.

Os poucos vestígios do projeto da *Caixa d'água* – uma breve memória, elevações das fachadas, cortes e situação – indicam vínculos maiores desta proposta aos projetos dos primeiros anos de Ohtake. O programa, constituído de dois reservatórios (um térreo e outro elevado) e setor administrativo, foi solucionado a partir da estratégia das empenas cegas em ângulo. Através de dois volumes prismáticos básicos de concreto aparente, um horizontal e outro vertical, o projeto remonta a alguns princípios da escola paulista, que são explorados através da verdade dos materiais, exposição do sistema estrutural e abolição dos revestimentos.

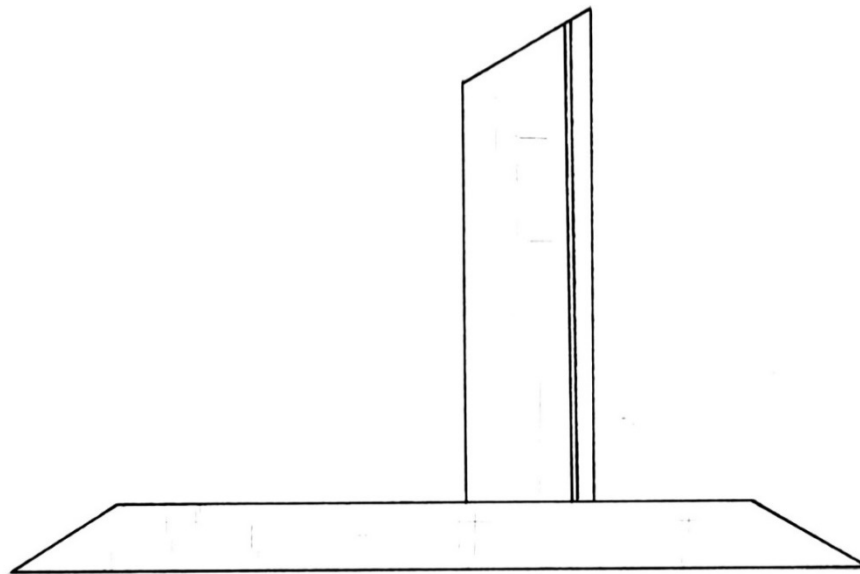


Figura 6 – Elevação principal da Caixa d'água.

Fonte: Redesenho do anteprojeto arquivado na Casa da Cultura de Palmas, realizado por Tháís Melz.

### **Considerações finais**

Os projetos arquitetônicos propostos não foram executados por motivos que, segundo o arquiteto Ruy Ohtake, na ocasião de uma conversa informal durante a ocorrência do Docomomo São Paulo (2017), disse estarem relacionados às mudanças de governo no Tocantins (MELZ, CARVALHO, CARDOSO, 2018). O episódio que liga o arquiteto à cidade de Palmas ainda não foi completamente desvelado em razão de apresentar-se como um assunto proibitivo para Ohtake. Segundo Silva (2010), o silêncio do arquiteto não é um silêncio essencial, mas “o silêncio das entrelinhas, [...] um silêncio velado, do qual apenas a conjectura aponta certa paternidade sobre a cidade da qual, talvez, ele se absteve ou fora privado” (p. 39).

Por se tratarem de obras pensadas por um arquiteto de expressão internacional, em um dado momento em que suas soluções de projetos se consolidavam como mais plásticas e orgânicas, nas quais os signos e elementos da cultura pós-moderna dentro de sua arquitetura começavam a se fazer presentes, fazem-se necessários os seus registros materiais. Tais registros buscam subsidiar as futuras investigações acerca do processo de



desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo contemporâneo nas cidades brasileiras, neste caso, com destaque à cidade de Palmas e às obras de Ruy Ohtake.

## Referências

COCOZZA, Glauco de Paula. **Paisagem e Urbanidade: os limites do projeto urbano na conformação de lugares em Palmas**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KATSUMATA, Mary. Ruy Ohtake: 15 anos de atividade. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura 1 e 2**. São Paulo: Schema Editora, 1976.

MACIEL, Nahima. Ruy Ohtake fala sobre a arquitetura e os impactos do modernismo no país. **Jornal Correio Braziliense**, Brasília, 16 jun. 2018. Entrevista.

MANTELLATTO, Edmir. **A obra de Ruy Ohtake: Uma contribuição para a compreensão do processo do desenho da arquitetura contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2012.

MELZ, Thaís; CARVALHO, Giuliano Orsi Marques; CARDOSO, Marianna Gomes Pimentel. Do micro ao macro, da logomarca à quadra: as propostas de Ruy Ohtake para Palmas-Tocantins em uma miríade de escalas. **Anais do III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia**. Belém, PA, Universidade Federal do Pará, 2018.

MELENDEZ, Adilson; MOURA, Éride; SERAPIÃO, Fernando. **Revista Projeto Design**, Arco, São Paulo, Out. 2002. n. 272. p. 6-9. Entrevista.

OHTAKE, Ruy. **Relatórios técnicos. Trabalhos complementares**. Novatins, Palmas, 1989.

PINTO, Sílvio Luiz Cardoso. **A questão das estâncias climáticas no Estado de São Paulo: Morungaba como estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000 [1983].



SEGAWA, Hugo. Palmas, cidade nova, ou apenas uma nova cidade? **Revista Projeto**. São Paulo, SP, n. 146, p. 94-109, out. 1991.

SEGRE, Roberto. **Contemporaneidade da arquitetura brasileira**. São Paulo: Takano, 1999.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Palmas: a última capital projetada do século XX**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TAVARES, Maria Cecília. **Ruy Ohtake: arquitetura residencial dos anos 1960-1970**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VELASQUES, Ana Beatriz Araújo. **A concepção de Palmas (1989) e sua condição moderna**. Tese (Doutorado em Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.